

Título: Fenomenologia da linguagem em Sartre

Bolsista: Luiza Helena Hilgert

Supervisor: Luiz Damon Santos Moutinho

Número do processo: 2018/02282-7

Tipo de bolsa: Pós-doutorado no país

Órgão financiador: FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo

Resumo expandido: O objetivo da presente pesquisa de nível de pós-doutoramento é o de estudar o tema da linguagem na fenomenologia de Jean-Paul Sartre. A temática é oriunda de questões e descobertas da minha pesquisa de doutorado, realizado na Universidade Estadual de Campinas sob orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani e Enéias Forlin com estágio BEPE na Université Paris VIII sob orientação do Prof. Dr. François Noudelmann, ambas pesquisas financiadas pela FAPESP, a saber, de que a linguagem ocupa um lugar privilegiado na filosofia sartriana, mas que é um tema seguidamente ignorado e praticamente não explorado nem pelo filósofo, nem pelos pesquisadores nacionais e internacionais. Submeti, então, o atual projeto de pesquisa com a intenção de desenvolver o estudo da linguagem pelo viés fenomenológico. Inicialmente, projetei investigar o estatuto do sentido e da significação na fenomenologia, especialmente em razão da descoberta do papel ambíguo desempenhado pela prosa no conjunto do pensamento sartriano: a prosa não é totalmente arte, porque usa a palavra como signo e não como objeto – como faz a poesia –, mas também não é totalmente filosofia, porque a prosa, enquanto arte literária, está no plano do imaginário. De onde que, por sua vez, o *sentido* estaria ligado ao imaginário, ao nada, ao irreal; enquanto a *significação* pertenceria ao campo do concreto na medida em que se engaja no real para desvelar o ser. Essa primeira descoberta da correlação entre linguagem literária e a linguagem filosófica me instigou a empreender uma nova pesquisa mais centrada no tema da linguagem, mais detida e detalhada sobre a comunicabilidade, a expressividade, sobre a linguagem para conhecer seu estatuto e lugar no conjunto do pensamento do filósofo. O tema da linguagem e os elementos circundantes, como o da verdade, da significação, do sentido, etc. não foram suficientemente explorados por Sartre em seus escritos a ponto de podermos nos debruçar sobre uma obra em específico e extrair daí uma *fenomenologia da linguagem* sem grandes controvérsias e surpresas. Então, em razão da carência de bibliografias primária e secundária para a pesquisa e também pelo desejo particular de, com esta pesquisa, conseguir ao mesmo tempo analisar e conhecer o lugar que a preocupação com a linguagem ocupou nas obras de Sartre, o caminho trilhado pelo filósofo, como fenomenólogo, no tratamento do tema e desdobrar, a partir das suas reflexões, o que eu resolvi chamar de uma teoria fenomenológica acerca da linguagem – ou, de modo abreviado, fenomenologia da linguagem. O primeiro passo consiste em retornar aos fenomenólogos que exerceram influência e concederam parte das ferramentas teóricas e metodológicas para que Sartre compusesse sua própria filosofia como ontologia fenomenológica, a saber, Husserl e Heidegger. O início do trabalho se dá pela contextualização das primeiras fontes teóricas de Sartre a partir das leituras de Husserl e de Heidegger, de onde o filósofo retém, especialmente, o método fenomenológico, o conceito de intencionalidade, e a ideia de ser-no-mundo, ou *Dasein*. A relevância de ambos os filósofos para o desenvolvimento da fenomenologia sartriana é, claro, bastante conhecido. É sabido que a leitura de Husserl demonstrou o lugar fundante da linguagem para a fenomenologia em geral ao estabelecer como ato primeiro da consciência, propriamente, o significar. Com Heidegger e a noção de *Dasein*, o homem se torna o ente privilegiado da investigação e, então, somando esses dois princípios teremos que compreender o homem como *ser significante*, o que implica, por sua vez, em inscrevê-lo como ser de linguagem. Esse é o cerne das motivações iniciais da presente pesquisa de Pós-Doutoramento que insere o problema da linguagem como questão fundamental da fenomenologia. Estabeleci como objetivo primário, o de compreender o estatuto da linguagem na fenomenologia de Jean-Paul Sartre a partir do aporte ontofenomenológico, ético e político que caracterizam e demarcam o solo do pensamento do

francês e, na sequência, conjecturar o que poderia ser uma fenomenologia da linguagem de bases sartrianas. Com o início e o desenvolvimento da pesquisa, novas questões se mostraram indispensáveis, como por exemplo, o retorno à investigação do que se configura *fenômeno*, sobretudo em razão do conflito teórico entre Husserl e Heidegger acerca dessa noção. No início da obra *O ser e o nada*, Sartre distingue o fenômeno de ser e o ser do fenômeno e se pergunta, então, sobre o ser do aparecimento e afirma que a compreensão pré-ontológica do ser do fenômeno supõe, por sua vez, um fenômeno de ser, ou seja, o aparecimento de ser que pode ser descrito fenomenologicamente. Na sequência, o francês questiona se o fenômeno de ser é idêntico ao ser do fenômeno e se o ser do fenômeno é acessível pela via da fenomenologia. Antes de responder, Sartre interroga, ainda, sobre a possibilidade de desvelamento do ser do fenômeno apelando para a filosofia husserliana e a variação eidética como possibilidade de acensão ao ser do fenômeno e, por sua vez, investiga se o *Dasein* é ôntico-ontológico, o que significa o ultrapassamento em direção ao ontológico heideggeriano. A aposta sartriana é, aparentemente, a noção de transfenomenalidade do ser: o ser do fenômeno, diferente do fenômeno de ser, está além da fenomenalidade e escapa às leis do aparecimento. Dessa maneira, uma nova questão se impôs e pode ser formulada, com efeito, da seguinte forma: o que é fenômeno para Sartre, como o filósofo entende a fenomenologia e quais as implicações das progressivas distâncias e aproximações com Husserl e Heidegger para pensar a questão da linguagem? Nas leituras e estudos feitos até o momento, também parece pertinente descobrir se a concepção de intuição categorial serviu para, em alguma medida, oferecer o solo para a ontologia de Heidegger e, conseqüentemente, a base para a reformulação da noção de fenômeno e, como efeito, da de fenomenologia. Precisamente por tudo que foi ponderado, a distância entre Husserl e Heidegger implica a fenomenologia sartriana de maneiras que ainda necessitamos compreender. De um lado, a redução do fenômeno à presença; de outro, o reconhecimento do *jogo* entre velamento e desvelamento: em que sentido a fenomenologia se torna teoria do conhecimento na forma de crítica da razão e em que sentido esse jogo do fenômeno diz respeito ao ser? E por que compreender esse impasse é importante para entender o conceito de fenômeno e de fenomenologia em Sartre?